




DA NECESSIDADE E DO DESEJO DE ESCREVER: UMA CONVERSA COM MADALENA FREIRE SOBRE OBSERVAR, REGISTRAR E DOCUMENTAR


The need and desire to write: a conversation with Madalena Freire about observing, registering and documenting

Entrevistada

Madalena **FREIRE**
São Paulo, Brasil
madalenafreire@gmail.com

Entrevistadoras

Marta Nidia Varella Gomes **MAIA**
Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil
martamaia@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0003-1095-9592> 

Luciana Esmeralda **OSTETTO**
Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil
lucianaostetto@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-1948-5090> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

No tecido do texto apresentado, resultado da conversa com a educadora Madalena Freire, observação, registro e documentação pedagógica são, mais do que conceitos, pontos-base que alinhavam reflexões sobre formação docente e prática educativa. Narrativas da memória vivificam a experiência passada e entrelaçam saberes feitos que, na lucidez do tempo presente, fertilizam a esperança, projetando futuros possíveis. A centralidade da escrita no exercício de reflexão, criação e autoria de cada pessoa que registra; o desejo como fundante dos processos de ensinar e de aprender; a construção do grupo e do vínculo como essência da relação pedagógica são elementos que matizam a trama tecida com o testemunho de uma intelectual da educação, que afirma seu compromisso histórico com boniteza e decência. Uma professora que, ao registrar, inspira autorias.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Registro. Documentação Pedagógica. Prática Docente. Educação Infantil.

ABSTRACT

Into the fabric of the text presented, the result of the conversation with the educator Madalena Freire, observation, registration and pedagogical documentation are, more than concepts, base points that align reflections on teacher education and educational practice. Memory narratives bring past experience to life and intertwine the knowledge made that, in the lucidity of the present tense, fertilizes hope, projecting possible futures. The centrality of the writing in the exercise of reflection, creation and authorship of each person who registers; the desire as the founding of the processes of teaching and learning; the construction of the group and the bond as the essence of the pedagogical relationship is an element that adorns the woven plot with the testimony of an intellectual of education, who affirms her historical commitment to beauty and decency. A teacher who, when registering, inspires authorships.

KEYWORDS: Memory. Register. Pedagogical documentation. Teaching practice. Early Childhood Education.

SOBRE O ENCONTRO

Imagem 1: Luciana – Madalena - Marta



Fonte: Arquivo pessoal das entrevistadoras

Em uma tarde nublada e fresca do outono de 2023, a Professora Madalena Freire nos recebeu em sua sala, no Humaitá, Rio de Janeiro. Aos pés do Cristo Redentor, tivemos uma recepção calorosa, daquelas que se dedicam ao reencontro de bons amigos. Estávamos nos encontrando, face a face, pela primeira vez. Mas, desde o primeiro contato, pelas mensagens que trocamos, convidando-a para a entrevista, o acolhimento já era sentido.

Madalena é professora, arte-educadora e pedagoga. Dedicou-se desde os anos 1980 à formação de educadores, com grupos de reflexão e estudo. Foi fundadora do Espaço Pedagógico, em São Paulo. Prestou assessoria a instituições públicas e particulares em todo o território nacional. Atualmente, é coordenadora do curso de formação de professores de educação infantil - Instituto Superior de Educação Pró-

Saber (ISEPS), no Rio de Janeiro. É autora de vários artigos e publicações e dos livros *A Paixão de conhecer o mundo* (1983) e *Educador* (2008).

Com uma simplicidade amorosa - freiriana, diríamos -, sensivelmente aberta e disponível para o encontro, Madalena nos dedicou duas horas de seu precioso tempo. A conversa, proposta para falarmos sobre sentidos e práticas da observação, do registro, da documentação pedagógica, foi tecida com a matéria viva das memórias da inquieta professora aprendiz, da intelectual sempre em construção e, como não poderia deixar de ser, da filha de Elza e Paulo Freire.

No fluxo dialógico, a relevância da escrita para a tomada de consciência de si, do outro, das elaborações próprias que conduzem à autoria de cada pessoa que registra, foi um fio que entrelaçou tantos outros: formação docente, a busca do brilho nos olhos das crianças como guia essencial para a prática, o rigor intelectual que não desumaniza, a consciência do sagrado na educação, na prática docente, o vínculo e a construção do grupo como fundantes da aprendizagem.

A importância e a singularidade de convidarmos Madalena Freire para o diálogo, está, também, no fato de que ela inaugura, no início dos anos 1980, entre nós brasileiros e brasileiras, a literatura de/sobre registro do cotidiano com as crianças e é, ainda hoje, uma referência para profissionais que trabalham, estudam e pesquisam com/sobre a educação das infâncias. “A paixão de conhecer o mundo”, seu livro publicado em 1983, tornou-se um clássico! Os registros que o compõem dão visibilidade a um conjunto de práticas, à época inovadoras (o primeiro registro é de 1978), mas que ainda hoje não garantimos para a maioria das crianças em nosso país. Percorrendo a experiência narrada, leitores e leitoras encontram a relevância de registrar os encontros com as crianças e um modo de narrativa que entremeia a descrição do vivido, a teoria com a qual dialoga, as inquietações e reflexões da jovem professora que se propõe a ser parceira das crianças e das famílias, compartilhando com elas sua paixão de conhecer o mundo.

Justo 40 anos depois da publicação do aclamado livro, tivemos a alegria e o prazer de encontrar com a autora, também referência em nossa formação docente. O entusiasmo era imenso! Conversávamos animada e alegremente. Quase esquecemos de ligar o gravador... Pronto. Ligado. E a conversa fluiu dialogicamente, como uma interlocução, uma genuína troca de ideias: à escuta da mestra, vivenciamos a partilha de preocupações, de dúvidas e de sonhos. Ao textualizar a conversa para apresentá-la aqui, nosso desejo foi o de guardar, tanto quanto possível, o calor do encontro, a cor

das falas entretidas, o tom das intervenções, a força das lembranças e as ponderações partilhadas entre entrevistada e entrevistadoras.

Agradecemos e abraçamos Madalena Freire e, com esse espírito, oferecemos aos leitores e às leitoras o diálogo tecido neste encontro-acontecimento!

A CONVERSA

Marta/Luciana - Madalena, como comentamos no início da conversa, o nosso grupo de pesquisa trabalha, na perspectiva da pesquisa-formação, com as abordagens autobiográficas, com as histórias de vida, atravessadas pela memória. Então, de onde veio essa coisa de registrar? No mergulho da memória, que fio de lembrança você traz de lá, relacionada ao ato de registrar?

Madalena - Não tem jeito. Meu pai. Essa coisa, tudo, tudo, muito intensamente, vem dele. Quando ele estava vivo, a gente se reunia toda semana - eu para contar as coisas minhas e ele para contar as dele. E era mesmo assim, de interação, de troca, de igualdade. A coisa do registro, assim, gravado na lembrança: meu pai estudava religiosamente todos os dias, com horário. Ele chegava do trabalho no SESI, em Recife, às 18 horas, jantava com a gente e ia para a biblioteca (um quatinho, fora da casa).

Ele ficava lá até as nove e pouco da noite, estudando. E o que me chamava muita atenção, e isso me marcou, é a primeira lembrança: ele lia direto. E tinha fichas ao lado: tudo o que estudava, ele fichava. Todos os livros. Tudo. Eu achava que era a coisa mais linda do mundo. Meu Deus, um livro em cinco fichas! Como é que ele escreve em cinco fichas um livro inteiro? Mas era, assim, a essência. Isso sempre foi um marco, um modelo: o quatinho lá dele, que a gente chamava de biblioteca. Era o canto sagrado do conhecimento. A biblioteca, o canto sagrado. E ele era apaixonado por esse quatinho.

Eu falo muito do meu pai, mas a minha mãe foi o meu modelo para eu dizer assim: "Eu quero ser professora! Eu quero ser professora!". Ela chegava às cinco horas da tarde do grupo escolar. Ela era diretora num grupo escolar na periferia do Recife, na pobreza, no morro da Conceição. E ela me levava com ela, algumas tardes. E ela fazia reunião com as professoras, discutia com todas as professoras, falava de todas as crianças. Cada uma das crianças. Chamava a atenção daquela professora. Eu, sentada lá, me dizia: "Eu quero ser isso, eu quero ser isso.". Ela foi, sim, minha modelo.

Eu tinha doze, treze anos. Um dia cheguei da praia e disse: "Mãezinha, eu vou ser professora." Eu tinha uma paixão pela praia: às três horas da tarde, passava lá o

sorveteiro. Aquela meninada, todo mundo, ficava doido lá no sorveteiro. E a minha paixão por ele é que ele pegava o copinho, que era um copinho novo, e ele pegava a massa do sorvete e fazia assim, assim [faz gestos de montar um sorvete a colheradas, na mão fechada, como fosse a casquinha ou o copinho]. E ficava... aquela coisa linda! E ele me ensinava como era que fazia aquilo. Depois a gente imitava na brincadeira na praia, com areia mole. E a gente fazia assim [repete os mesmos gestos de montar um sorvete a colheradas, fazendo da mão fechada o seu copinho/casquinha]. O sorveteiro. O sorveteiro. Fazendo essa brincadeira, eu disse, meu Deus, eu quero ensinar. É isso que eu vou fazer! Aí misturou essa coisa de ir à escola com a minha mãe, do sorveteiro e cheguei lá e disse: "Mãezinha, eu vou ser professora.". "Professora? Você vai ser?". "Vou ser professora.". E pronto. Não tirei mais da cabeça.

Mas, voltando às fichas do meu pai. Junto com essas fichas, eu entrando na adolescência, 12, 13 anos, eu pegava, comprava um caderno, fazia diário. Meu Deus! Tudo, tudo, tudo que eu contava, as histórias, era uma maneira de imitar a escrita daquelas fichas com a minha vida. E fiz, fiz, fiz, até hoje. Tem um balde na minha casa que eu já disse para minhas filhas: quando quiserem saber da minha vida, está tudo aqui neste balde. Nunca parei. Eu escrevo. Então, foi essa lembrança-matriz, essa memória do estudo, do todo dia, procurar a essência de cada livro, aquela simples ficha. Isso me encantava. Meu Deus! Nunca parei de escrever. À medida que, claro, fui crescendo, quanto eu me conhecia escrevendo a cada dia! Isso que eu digo hoje: ninguém começa uma reflexão e termina igual. Foi daí.

Marta/Luciana - E na transposição, vamos dizer assim, para a escola, como é que foi? Era uma prática fazer registros, fazer cadernos?

Madalena - Nada, eu amofinei na escola. Amofinei. Duas pessoas: em casa, eu era uma; na escola eu amofinava, aprendi a me esconder. Minha mãe e meu pai se preocupavam muito, mas eu dizia: "Não, deixa. Não, não, foi ruim. É ruim.". Não existia escrever ou registrar na escola. Eu guardava energia para chegar em casa e escrever. Foi o período mais sofrido, mais horrível, mais terrível também.

Marta/Luciana - Quando você começa no curso de magistério?

Madalena - Não, como aluna de escola. Quando eu estava no primeiro ano de magistério, estava adorando, adorando, adorando. Então veio o exílio. Veio o exílio. Foi outra morte. Foi assim, me virar pelo avesso para dizer: viva! Olha, outra vez a escrita me salvou, porque escrevi, escrevi, escrevi. Cartas, cartas, cartas, cartas. Cartas mil. E fiquei no Chile, porque o primeiro país do exílio da gente foi o Chile. Do meu pai, não. Meu pai chegou na Bolívia. Mas em Santiago, no Chile, tive a sorte, depois de dois anos

e meio, de conhecer o Weffort, casar e voltar para o Brasil. Anos depois, eu me separei, mas foi sorte, esse encontro. Foi também um desejo. Nossa Senhora, nem sei dizer qual é a palavra desse desejo! Eu dormia pensando no Brasil, acordava pensando no Brasil, queria voltar, queria voltar, queria voltar. Aí voltei e fui continuando a registrar. Na primeira escola em que fui trabalhar com crianças, a Escolinha de Arte de São Paulo, com Ana Mae - minha outra modelo e professora. A Ana Mae, que foi minha professora no Recife, na Escolinha de Arte do Recife. Eu tinha sete anos.

Marta/Luciana - Isso era quando? Você voltou do exílio em que ano?

Madalena - Eu voltei do exílio em 69, 70. A Ana Mae estava abrindo a Escolinha de Arte de São Paulo e me chamou como professora. Então, era meu segundo encontro com ela. Ela é muito especial. Nesse tempo, era minha modelo, queria ser aquilo. Meu Deus! E lá na Escolinha, eu comecei a brigar. Brigava mesmo, Ana Mae até ria. Brigava que todo mundo tinha que registrar. "Ah, não é possível! Tem que registrar aula!", "Essa reunião não pode acontecer sem todo mundo mostrar o registro". Aí comecei. Mas a minha cachaca era a alfabetização. Depois fui convidada para ser professora em uma Escolinha de Educação Infantil, a Criarte, que foi o embrião da Escola da Vila.

Lá também comecei a brigar: tinha que registrar! Aí todo mundo começou o registro. Depois saio da Escola da Vila, vou para a Vila Helena, formação, registro, registro, e depois Espaço pedagógico - uma proposta mais estruturada para fazer formação. Chegou um ponto que rendeu, fechou o ciclo, desfizemos a sociedade do Espaço Pedagógico, cada uma foi para um lado. Em 2004, me encontro com Cecília: "Você não quer ir lá fazer a formação?". Eu disse: "Vou". Cheguei aqui [no Pró-Saber]¹ em 2004, estou aqui há 19 anos. Formamos essa equipe inteira, desde essa época. Formamos o grupo, a Cecília [Maria Cecília Almeida e Silva, Diretora Geral do Pró-Saber] com a Psicopedagogia, a Ana Maria Lacombe (que já faleceu), com a questão da brincadeira, do jogo simbólico, etc. Assim fomos formando a equipe, todos os professores como observadores. E começaram a formação comigo, até que cada um assumiu a turma, e foi se estruturando. E hoje, se não me engano, temos umas oito turmas já formadas. É um orgulho. Isso aqui é paixão pelo conhecimento. O conhecimento salva, o conhecimento é uma revolução na vida. Muda o corpo, muda a fala, muda tudo. Começam a registrar, começam a discutir, começam a coordenar a equipe da escola.

¹ Pró-Saber: Instituto Superior de Educação, reconhecido pelo MEC. Oferece Atendimento Psicopedagógico e Graduação de professores de Educação Infantil; cursos de Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia; cursos de extensão nas áreas de Psicopedagogia, Arte, Filosofia, Educação e Psicanálise. Fonte: <https://www.prosaber.org.br/>

Marta/Luciana - Ouvindo você falar de formação, de paixão pelo conhecimento, como não lembrar do livro "A paixão de conhecer o mundo"? Que foi publicado em 1983, em uma época em que qualquer pessoa podia atuar na chamada educação pré-escolar (bastava ser mulher, gostar de criança...). Esse livro que fala com autoria e beleza desse lugar do fazer - que é refletido, que é coletivo, que é com as crianças -, é marcante; ele enuncia princípios que hoje queremos para a educação infantil. Aproveitando este fio da prosa, como é que foi fazer esse livro? Como é que foi, assim, a editora aceitar publicar uma obra com esse conteúdo e com essa forma - um projeto gráfico bem diferente do que víamos, muito inovador.

Madalena - Foi uma novidade esse projeto gráfico, sim. Mas, sabe, foi importante manter a lucidez, o faro da utopia, a certeza nas incertezas, porque eu me achava completamente maluca e esquisita fazendo essas coisas com as crianças! Pensando bem, na escola eu era mesmo... Na sala de aula, quem passava se espantava. Mas tudo isso que eu praticava, era vivido no desassossego. Tinha um certo apaziguamento também. Pensava: se o olho dos meninos brilha, se algumas professoras também brilham o olho, se os pais estão mais empolgados que eu, se tudo está acontecendo com esse significado, isso é valioso, isso serve. Nesse tempo, meu pai estava chegando do exílio e, em certas conversas com ele, eu discutia muito, levava as coisas que eu estava fazendo, não sei o quê e tal, e dizia: "Paizinho, eu não estou acreditando nesse negócio". Ele falava: "Minha filha, você não está acreditando? Você vai fazer um livro com isso!". Sentei com ele, me botou para escrever. Passei três meses lendo, escrevendo, revisando, ouvindo as sugestões, "isso aqui está legal", "olha isso aqui", "reescreva". Três meses. Pontinho por pontinho.

Marta/Luciana - E após a publicação?

Madalena - Quando eu publiquei, comecei a ser chamada para palestras, para falar do livro. As perguntas que vinham, os comentários que vinham! Preconceituosos: "Isso só é possível porque é menino rico"; "Não, isso aqui eu queria ver você lá naquela escola, com pais e mães ignorantes". Isso não me desanimava, pelo contrário. Mas deixa eu dizer que, quando publiquei, de um certo modo, voltei ao que eu sentia, desassossegada, uma coisa muito doida mesmo. Meu pai dizia: "Não, isso aqui é bom, isso aqui vai."; pela atitude dele, senti uma certa segurança. E quando eu saí para a rua, com coragem, para mostrar, veio essa tonelada de críticas, aí eu disse: "O quê? Vou pra escola na favela". Morava em São Paulo, lá para os lados de Carapicuíba, Osasco. Fui de comunidade em comunidade, tem escola aqui, aqui não tem, quem

precisa de professora, blá, blá, blá. Encontrei uma comunidade, razoavelmente perto de casa, em Carapicuíba, e fui pensando: “Bom, eu vou provar que é possível”.

Porque não é questão de classe social. É questão de autoria do pensar, do refletir do professor e das crianças. Porque criança pensa e reflete: desenhando, brincando, no jogo simbólico. E fui. Passei lá seis anos e formei três educadoras da comunidade que tinham o ensino fundamental, não eram professoras. Eram 35 crianças. Depois cresceu: 70 crianças, eu e as meninas em formação. Foi daí que mudou o meu foco das crianças para a formação. Foi daí que o Espaço pedagógico nasceu. Foi se encaixando tudo. A mudança não acontece imediatamente, não é mágica. A mudança é um processo que vai se gestando, que vai dando pequenos nascimentos. E é muito importante ter a lucidez do que é real, do que não é pra agora.

Marta/Luciana - Antes de começar a gravação, estávamos falando que gostaríamos de te ouvir justamente sobre essa questão conceitual: registro, documento, documentação. No livro “A paixão do conhecer o mundo”, você fala que, marcando o vivido com as crianças, o registro é documento.

Madalena - Claro. E com as crianças era lindo de ver. Meu Deus! Começava a aula, a gente fazia uma grande roda. Não era tão grande, eram 15 crianças. Eu trazia o meu diário, botava no meio da roda. E eu dizia: “Olha aqui, aconteceu isso.”, lembrando a aula de ontem. “Como é que foi? Quem lembra? Pois é. Para estudar a aula...” E eu usava essas palavras: “para estudar a aula, eu escrevo. Está aqui. E na avaliação, ontem...”. Eu não dizia avaliação, mas sempre no fim do dia, fazia a pergunta: “O que está na cabeça, hoje, do trabalho que a gente fez? Da tarefa, da lição, não sei o quê? E aquela briga? Quem ficou pensando naquela briga?”. Qualquer coisa que tivesse sentido no dia, eu puxava para uma avaliação no fim do dia.

E assim começava o planejamento. Porque todo planejamento nasce na avaliação do que você viveu. Na avaliação da experiência de aprendizagem daquele dia. Então, por isso que eu começava com o diário, lembrava com eles tudo o que eles disseram, as perguntas, o que ficou marcado aí. Então eu dizia: “Hoje o planejamento vai ser esse, eu vou escrever na lousa.”. E escrevia. E assim começava.

Marta/Luciana - A escrita é um registro e um documento. Você vê diferença entre registro e documentação pedagógica?

Madalena - Tudo isso é documentação, de cabo a rabo. Muita gente tem me chamado para falar sobre documentação. E eu abro a roda perguntando assim: “Todo mundo tem aula todo dia aqui? Tem. Sua função é qual? Sua função é qual? Professor, auxiliar... Vocês têm registro, têm reflexão todo dia?”. Silêncio. “Então, por que vocês

me chamaram?. Porque a documentação é o início de tudo, da reflexão, aqui no registro”. Aí é uma coisa triste. Mas então eu revento, para não ficar nesse peso da tristeza: “Então, vocês vão oralizar!”. Porque a primeira reflexão é o pensamento na oralidade. “Então, vocês vão oralizar: me conta o que tem sido suas aulas, um problema das suas aulas; um problema do seu ensinar, uma conquista do seu ensinar...”. Elas começam a falar. Eu vou anotando coisas essenciais. Vou separando: folha de um, de outro, de outro, para depois entregar: “Aqui, é seu registro”. Como na alfabetização, inicialmente, a professora é a escriba, na formação também. Escrever é arma de luta. É o pensamento. É o ouro do professor. É o ouro, pensamento, palavra.

Marta/Luciana - E quando alguém afirma “documentação é isso”, “é desta forma que se faz ou não é documentação”, já está deixando de lado os processos, as diferentes formas de ler, de se apropriar e de expressar - o mundo, uma experiência, uma vida vivida. Por exemplo, a experiência de ser um escriba junto com outros. Quer dizer: é junto com o outro, não é sem o outro e nem por um único caminho.

Madalena - Junto com o autor. E cada um faz esse caminho, não é igual para todos.

Marta/Luciana - Porque é essencialmente vivencial, não é, Madalena? Quer dizer, tem uma teoria que embasa, que orienta, que dá princípios para esse fazer, mas registrar/documentar é essencialmente vivencial.

Madalena - É. É uma experiência.

Marta/Luciana - Experiência! Experiência! A experiência docente, do/no cotidiano, é a matéria dos registros. Mas, não dá pra gente fugir de pensar: e tudo isso com as novas tecnologias? Porque, hoje, há uma grande utilização da fotografia, um grande apelo a fotografar (e mostrar) o que as crianças estão fazendo, por vezes, nas redes sociais, com exposição absurda dos cotidianos com as crianças. Como você vê a utilização das novas tecnologias como dispositivos de registro? Você considera que colabora, potencializa o processo de reflexão sobre o vivido, ou pulveriza a experiência. Como você vê isso?

Madalena - Pulveriza. Para a reflexão, é necessária a escrita. É a escrita que potencializa o processo de reflexão, de pensamento. Aqui no curso, algumas turmas já chegam querendo escrever no computador ou celular. A gente diz: “Não, escrever é no caderno, no papel. Escolha um, faça um, mas é caderno”. Porque a escrita tem geografia e, no celular, os tesouros se perdem. Perdem por quê? Porque o celular armazena, e para não gastar tanto, apaga-se. Então é impossível. Mesmo em uma outra realidade. Eu acredito que tem materialidade a escrita, tem uma geografia e há a possibilidade de

várias linguagens serem usadas. Até agora, para mim, a escrita é central. E é o mais democrático.

Porque nenhuma reflexão, nenhum registro de reflexão se inicia e termina igual ao começo. Nenhuma. Porque pensar, a gente pensa 24 horas por dia, mas refletir é outra coisa. Refletir é o apuramento do pensar. E esse apuramento, ele é gestacional, ele se gesta na repetição, na afirmação, na dúvida, na pergunta, na briga que você trava com a questão que você está pensando. E só no final, quando tem sorte, conquista esse trabalho de lapidar. E, às vezes, não é na primeira, não é na segunda, não é na terceira, é no fim do sétimo dia que você conseguiu aquela forma que você sonhava.

Eu penso que a escrita é o grande instrumento, é o grande instrumento. Agora, isso não quer dizer que vai ser escrita de cabo a rabo, sozinha. Não. Você tem imagem, tem música, tem mil artefatos. Mas o trabalho laborioso se dá na escrita. Então, essas outras estratégias podem ser complementares a esse processo de registrar e documentar. Mas nessas inovações todas, em que tudo se filma, tudo não sei o quê, o trabalho de lapidar (que é sofrido e trabalhoso), se dá pela escrita.

Marta/Luciana - Madalena, aproveitando essa conversa sobre escrita e múltiplas linguagens tem também a questão do foco do registro: nas crianças ou na formação docente? É belíssima essa síntese, e defesa, que você fez da escrita como instrumento central, essencial, para a reflexão. Você fala, em algum dos seus textos, que o refinamento do pensamento se faz na escrita. Retomando a conversa inicial, sobre a experiência italiana, Reggio Emília traz para o foco da documentação os fazeres das crianças, para compreender suas hipótese e teorias. O papel do adulto é central na documentação, mas temos a impressão de que a questão do registro como espaço de reflexão sobre a própria prática, espaço de formação, autoformação do professor está fora do foco. O que te parece essa nossa impressão?

Madalena - Concordo inteiramente. Já falei isso para eles, inclusive. Concordo inteiramente. Mas vocês falaram sobre conhecer as crianças. Como é? Podem voltar?

Marta/Luciana - A concepção de documentação como instrumento para conhecer, ou revelar, as crianças, e o registro como espaço de (auto)formação docente.

Madalena - Essa pergunta me atíça. Meu pensamento é atíçado. Então, no seu ensinar, todo professor lida permanentemente com o conteúdo da matéria e o conteúdo do sujeito. O que é o conteúdo do sujeito? É o desejo do sujeito. Que revela o que, onde, o olho dele brilhou - na brincadeira de bola de futebol, no joguinho de amontoar, onde se mostrou seu desejo? Porque o corpo fala. O corpo revela tudo. Mas nós não aprendemos a observar. Porque observar não é só ver a concretude. Observar é olhar

o que está por trás. É ler. É traduzir. A leitura do mundo, que meu pai falava, é isso. É ler o mundo, ler o outro. Ler o conteúdo do desejo do outro.

Uma avaliação sempre se faz nesses dois movimentos: conteúdo do sujeito e conteúdo da matéria. O que estava projetado, proposto? O que ficou? Isso é conteúdo da matéria. Porque aprender é que nem comer. Come-se fruta. Banana. Não adianta você dizer banana, banana. Ela não vai na sua boca. Você precisa de uma ação, de uma tomada de posicionamento: pegar a banana, descascar a banana, comer, mastigar. O que serve, fica. O que não serve, sai. O mais importante: você comeu banana e não virou pé de banana. Assim é quando você estuda Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, você não vira nenhum deles. Você continua sendo você. Nutrida. Que se inspirará nesses que você comeu. Então, você comeu o que você desejou. E você, enquanto ensina, precisa fazer uma observação refinada, de lupa, às vezes microscópica - do corpo daquele fulano, do gesto daquele sicrano, na escuta de fulano e sicrano. E por que meios?

Aí vem os instrumentos metodológicos. Todo ensinar, como eu dizia, lida com o conteúdo da matéria e o conteúdo do sujeito, que nunca estão dissociados. Quando o ensinar está dissociado, quando está só no conteúdo da matéria, vira palavrório; quando só está no conteúdo do sujeito, vira espontaneísmo, democratismo. Confunde autoridade com autoritarismo. Frouxidão. Não tem rigor. Porque, para construir consciência, precisa de muito rigor. Os instrumentais são necessários, para o olhar, para a observação, essa observação apurada que falei.

Para que cada educando viva essa experiência, o educador, no seu ensinar, faz intervenções, encaminhamentos e devoluções. Intervir é problematizar, é perguntar. Fazer pensar. Trazer o conflito. Trazer o problema. Provocar conflito. Encaminhamentos são as propostas de atividades. Todo educador tem conteúdo a ensinar. Obviedade. Tem o conhecimento. Mas ele só pode ensinar mediado por atividades, que ele propõe, inventa. Devolver é a aula expositiva: é a sistematização do que foi conflituado, do que conseguiram trabalhar. Aí vem a devolução que apazigua o conhecimento. A diferença para a concepção autoritária é que todo professor começa com a exposição: hoje o conteúdo é a galinha. Não perguntou se alguém conhece a galinha. Se tem asas. Se voa. Nada. Ele dá aula. Ele dá o conhecimento. Então, esses três movimentos - intervenção, encaminhamento e devolução não acontecem.

Marta/Luciana - Madalena, poderia falar um pouco mais dos instrumentos de observação? E se você está falando sobre ser professora de crianças ou de adultos?

Madalena - Das crianças ou dos alunos adultos. Cada professor constrói seu caderno e os crivos. Geralmente, cada um constitui os crivos. Mas o que tem aparecido?

No desejo: quando é que ele é vontade, interesse e necessidade. Tudo isso está no próprio desejo da observação do professor. Porque precisa desejar para aprender. Vontade. O desejo-vontade, é assim. "Vamos hoje brincar de água". No maior desafio ou problema, acabou. Não tem mais desejo de água. Passou para a brincadeira. Interesse. Desejo-interesse: "Vamos trazer amanhã o chapéu da bruxa.". "Tá bom". Aí chega outro dia, trazem o chapéu da bruxa. Durou. Durou o desejo até o outro dia. Mas vai ter alguma outra coisa... O chapéu da bruxa acabou. Necessidade. Desejo-necessidade é vital. Mas é zona proximal do desenvolvimento. O sujeito não lida sozinho. Tem que ter um conhecedor para indicá-lo. Com a teoria, o educador traz a devolução do que ele leu como desejo-necessidade, porque nenhum aluno vem para nós e diz assim: "Eu preciso urgentemente de estudar.". Não. Ele vem dizendo por subterfúgios, está tudo velado. "Tem um mal-estar nessa equipe, porque eu não sei, a gente roda, roda e nunca a gente encontra a solução.". Esse é um desejo de necessidade. É o que o educador precisa trazer de informação do conhecimento. Então, esses desejos, esses crivos, guiam a observação, o registro e a reflexão.

Outro elemento: interação com o grupo, com a vida de grupo. Que papéis esta pessoa, criança, jovem ou adulto, vem assumindo, que papéis o grupo vem possibilitando o rodziamento? Um grupo democrático, um grupo autoritário, os papéis de cada indivíduo, um jeito de ser. Papel não é função. Papel é a nível inconsciente. É o que traz cada um carregando todas as suas autoridades dentro de si. E vai repetir, com as autoridades que estão na sua frente, as autoridades que estão dentro dele, que ele vai viver projetando. Então, o outro crivo são os papéis.

Mas só pra juntar, pra gente não perder o fio, toda concepção de educação tem a sua visão de conhecimento, a sua visão do que é ensinar, a sua visão do que é aprender e praticar um método, uma metodologia com instrumentais metodológicos que formam o que ela concebe, a concepção de educação, o que é conhecer, o que é ensinar, o que é aprender. Mas não basta só refletir. Não basta só o professor, o educador, o coordenador, o diretor fazer a sua reflexão sobre a aula, a sua avaliação, o seu replanejamento. Isso é crucial, fundamental, é arma de luta. Mas é no grupo, no coletivo, que a socialização das reflexões é pautada para a discussão e interação de todas as reflexões desta equipe, deste grupo. E é nesse sentido que vai se formando uma rigurosidade reflexiva de estudo, de prática e de teoria. Se isso não se faz, espiraladamente, porque nunca termina, esse educador com autoria, assumindo sua autoria, não se constrói.

Marta/Luciana - Tantas coisas que já foram ditas. Mas tem uma coisa, sobre o exercício do registro na formação inicial docente. Como é que você pensa que isso pode ser contemplado? Porque, é enorme o desafio!

Madalena - Eu vou dizer como que a gente faz aqui, que poderá ser inspirador pra lá fora. Em todas as aulas, todos os alunos, cada um, tem o dever de fazer uma síntese, uma reflexão sobre a aula. Tem o dever. Ninguém é a vítima aqui. Vítima é que se eu estou andando, cai um foguete na minha cabeça. Todo mundo tem o direito de escolher o menos ruim. Se você escolheu isso, o curso, então você vai ter que assumir isso aqui - pra construção do conhecimento e da sua autoria. Clara, direta. Primeiro dia: escrever uma síntese. "O que é síntese?". A gente nem fala em síntese nos primeiros dias, é pensar sobre a aula: "Você vai parar, você vai escrever. Não importa quantas linhas você escreva, não importa páginas, não importa erro de português, não importa nada disso. Você vai vomitar no papel o que foi que você viu, aprendeu, chamou atenção, não entendeu dessa aula". E enviam, no prazo de uma semana, para o professor.

Todo professor só entra na aula tendo lido todas as reflexões dos alunos. É dali que ele vai montar o planejamento da próxima aula. Por quê? Conteúdo da matéria ou conteúdo do sujeito? O que é que esse sujeito está entendendo? Não entendeu, está cego, só viu o professor, só viu o conteúdo... Não viu a aprendizagem dele próprio, não viu o planejamento da aula, não pensou sobre os conteúdos provocados, só falou dele... Pronto. Faz o leque daqueles elementos que constituem toda a aula e, na próxima aula, vai tudo sendo socializado.

E os alunos vão se dando conta: O que é pensar? O que é escrever? Escrever é dizer o pensamento, então, eu penso. A grande revolução do primeiro ano é a constatação, eu penso, eu falo, eu sei falar. Então, e esse trabalho, esse foco desse aprender a pensar é o ano inteiro do primeiro ano, e é escrita o tempo inteiro: lembranças de como você aprendeu a ler e a escrever, está lá, está lá, cartilha, professor, especialista, tem outros nomes que não sei, nordeste, autoridade, quem foram seus modelos de aprender a ler e escrever, as autoridades, na família, na escola, todas, todas que você lembrar. Quem, quem falou, quem deu o seu nome? "Ah, meu nome foi a mãe, foi a vizinha...".

Então, essa coisa do registrar, no curso, é um mergulho do primeiro ano. E eu digo que esse primeiro ano é o mergulho em si, é olhar pra si. Tem até um texto maravilhoso do Guimarães, que fala do olho torto, o olho que volta pra dentro, todo o tempo. É o conteúdo do sujeito, volta pra dentro da sua história. Tudo isso aqui é

resgate da história. Escrevendo, escrevendo. Se chegam alunos assim: “Mas como que eu vou refletir sobre a prática se eu não estou na aula, não sou professor?”. Pergunto: “Qual é a sua prática? É estudante? Então, você vai refletir sobre ser estudante”. Que estudante é esse? Quais os professores que você tem interação e que é estudante?

Ou seja, é voltar tudo pra dentro e focar na escrita, no pensamento, na construção do conhecimento. E sem vítima, sem vítima. Vários anos nós tivemos aula fora do horário, aula de português. Pra ensinar a escrever. Sim, a escrita, no início, é o retrato do Brasil, é o retrato do abandono, é o retrato da exploração. Então, toda essa questão do registro, da reflexão, no primeiro ano é o estudo de si. Resgatando a história, desde a história dos nomes. [Recebemos de Madalena algumas produções gráficas dos processos, com escritas, autorretratos, narrativas autobiográficas].

Marta/Luciana - Que coisa linda! Isso é documentação.

Madalena - Por isso que eu digo: o primeiro ano é o mergulho de si, e trazendo o retrato pela escrita de dentro pra fora. O segundo ano é o mergulho nos teóricos. Porque no fim do primeiro ano, eles dizem: “Eu penso, eu falo, eu sei falar, eu sei pensar, eu sei escrever”. Nesse final, sei dizer qual é a teoria? Pois então vai mergulhar no segundo ano em outros teóricos. E é aquela coisa, comer jaca não é virar jaqueira. Vai conhecer outros em pé de igualdade: teóricos. Conhecimento é autoria.

O segundo ano é o mergulho no aprendizado, no estudo focado, duro. Um estudo de aprofundamento para o terceiro ano, a construção da monografia. “O que é essa monografia?”. “É contar, escrever o processo desses três anos que construiu você, que você se fez, que você é você hoje”. Então, é um lembrar, um lembrar apropriado, autoral desse processo. Eu digo que é o coroamento, é o coroamento dessa autoria. E não é à toa que quando voltam para a creche são convidados para coordenador e para diretor.

Marta/Luciana - Embora seja um processo de cada um, não dá para ser sozinho. Quando você diz assim... “Falei para o meu pai”, “Ele diz: isso está bom, isso tem que reescrever...”. Aí tem uma escuta, uma parceria.

Madalena - Tem que ter esse outro que te ajude... Tem que ter parceria. Que te ajude a enxergar aquele processo, avançar. Tem que ter parceria. Quando a gente está na escola, dentro de uma escola, a gente tem que ter um planejamento que é assim: Com quem eu conto? Quem é meu parceiro aqui? Eu conto até quando? Esse daqui eu vou com ele até onde? Ou seja, ninguém é escravo de uma instituição. Todo mundo tem um planejamento para a construção da sua autoria naquele espaço da escola. Se isso não for consciente, lúcido, ele vai passar. Porque a mudança é construída

no pensar, no sentir. Por isso que não adianta refletir sozinho. Tem que socializar, trocar, discutir todas as reflexões num grupo, grupo de professores.

E é nessa convivência que a equipe nasce, porque nenhum grupo vira equipe de cara. Grupo no primeiro movimento é um amontoado, é um amontoado de diferença. "Quem é igual é amigo, quem é diferente é inimigo.", etc. Então, é toda uma construção. Mas a riqueza está ali, está ali. Então, toda essa coisa da documentação, Reggio Emilia, não tem nenhuma diferença entre registro, entendido com isso que a gente está falando, e com documentação. Nada, nada. Outra vez se inventa mil palavrões. E, no fundo, é pra sonegar a autoria do professor, a autoria dele pensar, dele refletir. É como se dissesse, "Ó se você não disser essas palavras, você não tem conhecimento.". Estou doida? Vocês acham isso também?

Marta/Luciana - É mesmo. Criar faz parte da carreira docente universitária, de ensino, pesquisa e extensão, mas, por vezes, essas nomenclaturas que vão sendo criadas, vão alijando os sujeitos do processo, afastam.

Madalena - Desautoriza o professor e a teoria que ele pratica. Ele é o meu igual, ele faz teoria, sim. Teoria não está só na coordenação, na direção, na universidade, não. Todo professor tem sua teoria. Se botasse uma vassoura para cada um, uma vassoura para cada um, cada um ia varrer a sala de um jeito. E esse jeito fundamentado é a teoria. Claro que eu estou dando um exemplo.

Marta/Luciana - Mesmo que ele não se dê conta de que faz teoria.

Madalena - Mas ele pode ir buscar a fundamentação.

Marta/Luciana - A fundamentação! Essa é outra dimensão de Madalena que a gente quer conhecer. Ao longo da vida, quais suas referências, com quem você conversou, em termos de autores. Com quem você conversa hoje?

Madalena - Uma das paixões era o Freinet. O Freinet era uma paixão pura e danada. Olha, Freinet, toda a Escola Nova, foi um marco na minha vida. Freinet, Dewey, Claparède, todo aquele povo. Meu pai tinha tudo lá. E eu, cada semana, pegava um, ele me indicava para ler. O Freinet eu achei aquela maravilha de transformar a escola viva, vida. Essas crianças estão na vida. Então, o livro da vida, das histórias da classe, era a continuação da discussão com o meu diário.

A Psicanálise também me formou. Pichon Rivière. Bion.

Hoje, tem o Shön, tem o Nóvoa. Eu tenho uma paixão pelo Nóvoa. Eu o acho tão claro, tão simples, tão objetivo, tão humano. A Marie-Christine Josso, sobre o caminhar para si. De Reggio, gosto da Carla Rinaldi. Muito. Eu gosto demais dela. Demais. Ela é

tão clara nessa coisa da prática e da teoria, tão lúcida. Ela diz tudo isso que a gente está conversando. Ela é muito, muito especial.

Marta/Luciana - Madalena, e o que você diria aos licenciandos e licenciandas que serão em breve docentes de crianças? O que você teria a dizer para eles e elas?

Madalena - Vixe Maria! Que eles tenham muita lucidez, muita responsabilidade, pelo sagrado da sala de aula, desse cumprimento e compromisso com o intelectual que ele é. E rigor, rigor. E que se perguntem o tempo inteiro: "é isso mesmo que eu quero? Será que é verdade tudo isso que eu estou fazendo? Será que eu estou conseguindo?". Duvidem! Duvidem! Porque esse é sintoma de que se está vivo, a hora que a gente diz: "Não, não tá tudo bem".

Eles têm que refletir sobre a aula, de tal professor, tal professor, tal professor, com a mesma metodologia. Refletir sobre a aula significa estudar a teoria que a prática está sendo assumida. E por que tudo isso? Porque é educador intelectual. É do mundo das ideias, é do mundo do conhecimento, é o mundo da informação. Ele é um intelectual, ele tem uma responsabilidade sagrada e é por isso que toda sala de aula é o espaço sagrado, das lutas nossas que acreditamos na sala de aula, na formação do educador, na alta importância da autoria individual, coletiva. Se isso não for germinado, vivido, desde a sala de aula, deste que está se formando, a cadeia de mecanização, de cópia, memorização, alienação, não é rompida. Falo isso só para mostrar que esse educador-formador que a gente quer, está nas nossas mãos, nas universidades, está na sala de aula. Que marca nós estamos deixando neles? Nós, no sentido da concepção de educação democrática, que pratica a documentação, estas coisas todas. Porque nós estamos marcando esse povo. Que marca nós estamos fazendo?

Porque o sagrado tem que ser protegido pelo rigor de quem ensina e de quem aprende. E rigor não é rigidez. Rigor é a consciência desse sagrado, desse intelectual, que está como modelo, marcando a vida de seus alunos. Meu pai dizia que ser educador é deixar saudade nos educandos. Ou seja, nesse sentido da marca, da responsabilidade da marca. E aí o vínculo é vital. A gente só aprende por amor ou por ódio. Na indiferença, nada fica, nada é lembrado. Então, essas coisas que eu falo, o ouro da educação não é só a informação e o conteúdo da matéria. O ouro é a pessoa humana que aprende, que pensa, que conhece, que constrói sua autoria na formação de outros autores como ele. A gente está falando da paixão de conhecer o mundo.

Marta/Luciana - Lindeza isso! E saber que hoje podemos estar aqui conversando com você, ouvir um pouco da sua história, que nos inspira, desde seus escritos. E pensar que só temos acesso a essas histórias, porque você teve a disciplina

de escrever, de registrar. Registrando você faz história! Naquele artigo, publicado nos Cadernos de Pesquisa - Relatos da (Con)vivência: Crianças e mulheres e crianças da Vila Helena, nas famílias e na escola - tem a questão da roda, você fala do começo da organização da roda, como é que se dá o processo de construção do grupo, e tal. E tem a sua caligrafia, em registros originais, por assim dizer; tem desenhos das crianças e as próprias fotografias. Aquele registro seu é completo, tem múltiplas linguagens. Tem registros gráficos seus, tem desenho das crianças, narrativas.

Madalena - Tem muita documentação. E as histórias. Foi nesse artigo que eu contei a história do Tom Tom. Tem também uma outra história, da Eliane. Tem muita documentação, mostra tudo isso que a gente está falando: o registro, o conteúdo da matéria, o conteúdo do sujeito.

Esse artigo com a Sylvia Leser de Mello, uma grande amiga, é a história que não poderia ficar guardada, da qual falamos. É isso, é essa a história. Eu ainda tenho um compromisso de escrever sobre a experiência da Vila Helena.

Marta/Luciana - Essa coisa da memória, Madalena! Por isso que a gente está tão feliz com essa entrevista, trazendo coisas que precisam ser colocadas à luz, contar para as novas gerações. Porque, quantos sabem da Vila Helena? Então, é também o nosso compromisso com a história: a gente pode avançar se a gente conhecer de onde a gente vem, as experiências que nos constituem, como professoras, por exemplo.

Madalena - Que maravilha! Opa, que conversa boa, meu Deus! Foi a maior alegria ter vocês para falar da história. Jesus amado! Só que eu morro de vergonha. Vixe Maria!

Eu sou muito tímida. As pessoas não acreditam, mas eu sou tímida. Eu sou reservada. É que eu aprendi a ser assim para poder existir. Existir eu, eu, eu. Bom, não era só a questão da filha de Paulo Freire. É que quando eu voltei para o Brasil, Paulo Freire era encapado. Tinha que encapar os livros. Não podia dizer que ele estava lendo Paulo Freire. E eu, muito menos, dizer que era filha. Mas, assim, eu me preservei. Eu aprendi a me preservar. Tipo assim, "Vou me esconder, não vou falar para ninguém o que estou fazendo. Porque aí eu vou fazendo.". E sempre foi assim. Ah, que aprendizado duro esse. Ah, foi. Foi duríssimo. Foi duro. Mas, esse aprendizado que tive com o Paulo Freire, de desgrudar dele, ele foi o maior incentivador. Bom, ele dizia, "Quem quiser me seguir...". Como era isso? "Quem quiser me seguir, não me copie...". Ah, eu não vou lembrar. Já não sei. Mas procura, porque vai ter. Eu vou até ver, porque sempre gosto de citar essa coisa: não façam como eu, qualquer coisa assim. E ele foi o maior incentivador para todos os filhos. Porque lá em casa, os cinco são educadores, cada um

na sua área. Um violonista, um pesquisador, mas que trabalha no centro de estudos do Instituto Paulo Freire; três - eu, a segunda e a terceira, Fátima e Cristina -, professoras. Então, todo mundo pegou o gênio de pai e mãe.

Mas eles diziam, não me sigam. "É isso, minha filha. Para com isso. Isso é mito, minha filha. Briguem, briguem. Você não é Paulo Freire, não.". Ele era o maior incentivador. E minha mãe era, assim, a feminista: "Luta! Sai daqui! Pega seu voo! Não precisa seguir seu pai!". Mas foi um peso no início, claro, foi um peso. Mas o grande ganho é que, a vida, principalmente do exílio, quando ele ficou mais conhecido com a "Pedagogia do oprimido", essa vida atribulada toda, nos ensinou que há uma irmandade humana, que não é só família. Então, a gente foi assim como se fosse uma escola dessa, tem irmãos, por tudo que é lado. Isso foi muito bonito. Todos os filhos dizem isso.

Marta/Luciana - Ainda mais no momento duro, no exílio. Encontrar a humanidade fora daqui. Bem naquele tempo de dor. Como isso deve ter sido forte.

Madalena - O exílio foi duro. Para meu pai foi dilacerante. Minha mãe era uma fortaleza que aguentava tudo. Todo dia tinha feijão, farinha, pegava, catava onde que fosse pelos africanos, as tapiocas, cuscuz, tudo. Então, era assim. A gente estava num outro mundo, mas dentro do Recife. Dentro do Recife. Então, isso aí deu uma força de pertencimento. Tanto que meu pai tem aquela frase do Recife, como é que é? "Sou cidadão recifense. Quanto mais cidadão recifense eu sou, quanto mais cidadão mundial eu sou.". Qualquer coisa assim.

Marta/Luciana - Mas também, essa entrevista, deve ter exigido de você muita coisa. Mexe demais.

Madalena - Mas por isso mesmo que eu aceitei o dever histórico.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

DA NECESSIDADE E DO DESEJO DE ESCREVER: UMA CONVERSA COM MADALENA FREIRE SOBRE OBSERVAR, REGISTRAR E DOCUMENTAR

The need and desire to write: a conversation with Madalena Freire about observing, registering and documenting

Entrevistada

Maria Madalena Costa Freire

Graduação pedagogia

São Paulo, Brasil

madalenafreire@gmail.com

Entrevistadoras

Marta Nidia Varella Gomes Maia

Doutora em Educação

Universidade Federal Fluminense

Faculdade de Educação

Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento

Professora Adjunta

Niterói, Brasil

martamaia@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0003-1095-9592>

Luciana Esmeralda Ostetto

Doutora em Educação

Universidade Federal Fluminense

Faculdade de Educação

Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento

Professora Associada IV

Niterói, Brasil

lucianaostetto@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-1948-5090>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Saldanha Marinho, 03/1102. CEP 24030-040, Niterói, RJ, Brasil.

AGRADECIMENTOS

À Professora Madalena Freire por sua disponibilidade em conceder a entrevista sobre a qual trata esse texto, por sua contribuição à área da educação das crianças e à formação docente.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. N. V. G. Maia, L. E. Ostetto

Coleta de dados: M. N. V. G. Maia, L. E. Ostetto

Análise de dados: M. N. V. G. Maia, L. E. Ostetto

Discussão dos resultados: M. N. V. G. Maia, L. E. Ostetto

Revisão e aprovação: M. N. V. G. Maia, L. E. Ostetto

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 20-05-2023 – Aprovado em: 01-10-2023